

VICO E A FILOSOFIA ECOLÓGICA

Uma relação possível

Sergio Nunes

UFPA

*“As coisas fora do seu estado natural,
nem se estabelecem, nem duram”, Vico*

RESUMO

Traçar o modelo da mente primigênia em Giambattista Vico (1977) o como radiografia da sua estrutura natural, sem dúvida é um feito inusitado que requer leitura e investigação criteriosas e, mesmo assim, sem esgotar o assunto, mas tão somente enuncia-lo como viés de uma redoma pouco ainda pesquisada, que se torna para nós uma tarefa hercúlea e por vezes uma pretensão desmedida. Seu alcance não visa apenas descrever ou explicitar a estrutura subjacente à mente primigênia, mas sobretudo, problematizar os diversos campos hoje debatidos pela Filosofia da Mente, Filosofia Informacional e Filosofia Ecológica, na tentativa de contribuir para a elucidação das questões hoje tão presentes e pertinentes no mundo acadêmico. A formação de uma “mente natural” no seu nível mais básico e primário, presente em organismos vivos, como animais e vegetais, podem nos fornecer elementos argumentativos e teóricos que possam nos ajudar a compreender melhor as limitações e dificuldades que as ciências apresentam na sua episteme, para redirecionar metodologicamente seus procedimentos teóricos e experimentais que visem uma novo paradigma ou uma nova visão no *modus operandi* da ciência. Para dar conta desta questão, que consiste na formação de uma “mente natural”, Vico haveria de ampliar o seu olhar, mudar seu enfoque e perceber a possibilidade de síntese entre pensamentos diversos e contrários.

PALAVRAS CHAVES

Mente primigênia- Filosofia da Mente – Filosofia Informacional – Filosofia Ecológica

VICO E LA FILOSOFIA ECOLOGICA

ASTRATTO

Tracciare un modello della mente primogenita in Giombattista VIC (1977) O come radiografia della sua struttura naturale, é senza dubbio un fatto inusitato che richiede lettura ed investigazione criteriosa e, pur tuttavia, non viene a capo dell'argomento, ma soltanto lo enuncia come pregiudizio di una campana di vetro ancora poco investigata, che si riflette per noi in uno sforzo erculeo ed una presunzione senza limiti. La sua portata non si limita appena a voler descrivere o rendere esplicita la struttura soggiacente alla mente primogenita, ma soprattutto a problematizzare i differenti campi oggi dibattuti dalla Filosofia della Mente, FilosofiInformativa e Filosofia Ecologica, nel tentativo di contribuire alla delucidazione delle questioni che sono oggi cosi presenti e pertinenti nel mondo accademico. La formazione di una "Mente naturale" al suo livello piú basilare e primario, presente negli organismi vivi, come gli animali e i vegetali, ci possono fornire elementi argomentativi e teorici che possono aiutarci a capire meglio le limitazioni e difficoltà che le scienze presentano epistemologicamente, per ridirezionarne metodologicamente i suoi procedimenti teorici e sperimentali, in modo tale che questi visino ad un nuovo paradigma od a una nuova visione nel modus operandi della scienza. Per risolvere questa questione che consiste nella formazione di una mente naturale , Vico dovrebbe ampliare il suo sguardo, cambiare la messa a fuoco e percepire la possibilità di sintesi tra pensieri diversi e contrari.

PAROLE CHIAVE

Mente primogênita – Filosofia dela mente – Filosofia informativa – Filosofia Ecologica

VICO AND ECOLOGICAL PHILOSOPHY

ABSTRACT

Tracing the model of the primitive mind in Giambattista Vico (1977) as a radiograph of its natural structure, is undoubtedly an unusual feat that requires careful reading and investigation and, even so, without exhausting the subject, but only enunciating it as a little dome bias still researched, which becomes for us a Herculean task and sometimes an excessive claim. Its scope is not only intended to describe or explain the structure underlying the original mind, but above all, to problematize the various fields today debated by Philosophy of Mind, Informational Philosophy and Ecological Philosophy, in an attempt to contribute to the elucidation of the issues that are so present and pertinent today academic world. The formation of a "natural mind" at its most basic and primary level, present in living organisms, such as animals and plants, can provide us with argumentative and theoretical elements that can help us better understand the limitations and difficulties that the sciences present in their episteme, to

methodologically redirect its theoretical and experimental procedures aimed at a new paradigm or a new vision in the modus operandi of science. To deal with this issue, which consists in the formation of a “natural mind”, Vico would broaden his gaze, change his focus and perceive the possibility of synthesis between different and opposite thoughts.

KEY WORDS

Primitive mind – Philosophy of mind – Informational Philosophy – Ecological Philosophy

METODOLOGIA FILOLÓGICA

O método empregado por Vico para desenvolver a Ciência da História enquanto termômetro, digamos assim, na antropogênese da mente primigênia, nos permite averiguar, a Filologia como instrumento valioso para o desenvolvimento de sua tese.

Nesta circunstância, a filologia¹ foi fundamental na sua empreitada, pois sendo de natureza incerta e indeterminada, porquanto da ordem do *certum*, procederia por verossimilhança na captação cognoscente daquilo que é possível ou provável.

A própria filologia disserta sobre a história na investigação dos contextos, cujos objetos são passíveis de datação, revelação cultural, comercial, social, artística e valorativa. Todos esses elementos sugerem na sua história, revelações surpreendentes que a filologia promove.

Por esta senda, podemos afirmar que Vico percebeu acuradamente, a possibilidade de retomar o pensamento mítico que fora relegado pelo racionalismo, porque necessariamente fantástico.

O mito, não poderia, segundo Vico, ter sido obra de uma lógica racional, retilínea, como também desprovida de sentido, mas haveria de ter um processo emergente que propiciasse articulações sensitivas, e promovesse a maturação da mente primigênia a partir do conceito definido em sua Ciência Nova como ‘*divina providência*’. Sem dúvida, uma vasta sabedoria estava ali alojada que precisava ser desvendada com critério científico, a fim de nos prover de material que explicitasse melhor a origem do homem e tornasse a sua compreensão possível.

¹ Vico, *Opere Giuridiche*, [Cf. Parte seconda, *La coerenza dela filologia*, cp. I, § 1, p. 386].

Foi nesta perspectiva que Vico desbravou a mente primigênia e desafiou o racionalismo cartesiano, ou seja, foi possível pensá-la.

Mas como pensá-la a partir do fantástico? Esse foi um dos grandes problemas, já que a razão não dava conta dessa tarefa, afinal o padrão lógico racional do valor de verdade não teria como subtrair as imagens fantasmagóricas que os mitos apresentavam.

As mensurações não eram suficientes para torná-los juízos demonstráveis. Só mesmo a filologia da ordem do *certum* poderia dar conta desse plano ambicioso que Vico havia percebido, pois como exímio filólogo, ele renovou o método e lhe deu garantia epistêmica ao introduzir o método indutivo do Sr. DeVerulan² a fim de lhe dar a consistência necessária que a análise requereria.

Edgar Morin (1990, p. 177) em sua *Ciência com Consciência*, desenvolve esta mesma linha de raciocínio ao discorrer sobre Ordem, Desordem e Complexidade, tentando uma possível epistemologia da Complexidade ao analisar e investigar sua problematicidade, tendo como suporte as teorias e experimentos científicos:

[...] ao aspirar à multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior, um princípio de incompletude e de incerteza. De qualquer modo, a complexidade surge como incerteza e não como uma clareza e resposta. O problema é saber se há uma possibilidade de responder ao desafio da incerteza e da dificuldade... Atualmente, vemos que existe uma crise da explicação simples nas ciências biológicas e físicas: desde então, o que parecia ser resíduo não científico das ciências humanas, a incerteza, a desordem, a contradição, a pluralidade, a complicação etc., faz parte de uma problemática geral do conhecimento científico.

Morin, assim como Vico, depara-se com a questão mítica, quando critica a antropologia do início do século XX, que de acordo com Lévy-Bruhl:

[...] pensavam que aqueles que eram chamados de “primitivos” eram adultos infantis que só tinham um pensamento místico e mágico. Mas, então, como eles conseguem fabricar-com que astúcia técnica e com que inteligência?- flechas reais, e como são capazes de atirá-las e matar o animal só com a prática de feitiçaria e de ritos mágicos?

² O Sr. De Verulan é Francis Bacon (1609), que no seu livro *Cogitata et visa* desenvolve o conceito de indução por verossimilhança.

O erro de Lévy-Bruhl vinha do seu ocidentalocentrismo racionalizador de observador inconsciente do seu lugar no devir histórico e de sua particularidade sociológica; ele acreditava estar no centro do universo e no topo da razão (MORIN, 1990, p. ??).

Do mesmo modo, Vico criticava o cartesianismo próprio da época, demonstrando que a concepção mítica, possuía também uma lógica, a lógica poiética, puramente criativa e inventiva mediante a imaginação peculiar aos *bestiones*. E de acordo com a *organização recursiva* presente no cosmos, segundo Morin, produziam artefatos, não como resultado de uma logicidade racional, mas sensivelmente poiética.

O PERCURSO DA IMAGINAÇÃO

A imaginação para Vico foi seu ponto de partida, pois sendo o primeiro elemento cognoscente deveria ser estudado e investigado na sua ampla dimensão, desde os mitos hesiódico e homérico aos dados resultantes das investigações científicas da época, assim como das obras latinas que forneciam vasto material para análise histórica. Compartilhando essas variáveis, Vico conseguiu mediante sua concepção *certumiana* dividir com maestria e genialidade a fantasia, enquanto espaço de conhecimento peculiar à mente primigênia.

Simultaneamente à imaginação, a mente primigênia necessitava de certo esforço sensitivo que comportasse a sua sobrevivência. Para isso, haveria adaptar-se ao meio, à natureza para sobreviver. Este seria o nível mais básico da mente primigênia: agir, adaptar-se e auto-organizar-se (interagir) para sobreviver, a necessidade e/ou utilidade natural contingenciava o rumo, digamos, taxonômico dos primeiríssimos homens, os *bestiones*.

Nesta condição trava-se a tentativa de correlação entre a estrutura básica natural da mente primigênia e as demais estruturas dos organismos vivos, para a qual, a filosofia Ecológica nos fornece bases para a sua elucidação, já que se trata de informações disponíveis no meio ambiente. Segundo Eunice Gonzales et ali i:

“Estando tão imerso no fluxo da informação ambiental, o organismo compartilha de modo ativo, direto e não mediado da

captação da informação. É a combinação da imersão do organismo no ambiente e no fluxo de informação ambiental ao seu redor que origina a percepção atenta do organismo ou, se você preferir, os estados cognitivos”³.

Esta estrutura natural permitiu ao primigênio imaginar,⁴ gerando a condição de coligação com a realidade, facilitando a difusão de uma disposição instintiva num pensamento originariamente animal.

Primeiríssima contingência que permitiu ao primigênio relacionar diretamente sem qualquer mediação representativa e sensitivamente o corpo, a natureza e a imaginação, numa relação direta sem qualquer dualidade. Esses três elementos suscitaram os primeiros sinais linguísticos da correlação direta entre membros do corpo e a natureza.

Essa extensão permitiu a metaforização do mundo e confirmou a ação criativa como necessidade intrínseca de sobrevivência, numa dimensão transsmótica, digamos, da mente primigênia na sua relação com o meio, aonde o corpo, a sensibilidade, estendia-se às coisas numa indistinta relação humano-sígnica.

Essa relação direta sem qualquer mediação representativa da mente primigênia com a natureza se baseia na relação entre organismo e ambiente. Desse modo, esta correlação entre mente e ambiente não necessita de nenhuma separação entre eles. Encontraremos em Peirce essa correlação, realizada por uma consciência senciente.

Segundo Barbosa da Silveira⁵, o que interessa a Peirce é a conduta inteligente determinada pelo pensamento, que é profundamente falível num contexto necessariamente fenomênico, isto é, não estritamente humano, uma vez que a mente corresponde, segundo o processo semiótico, a uma função e não a alguma faculdade específica de determinados seres, como é o caso dos seres humanos.

³ Gonzalez, M. E. Q., Moroni, J., Moraes, J. A., *O que é Filosofia Ecológica?*, Kinesis, Vol. III, nº 05, Julho-2011, p. 351.

⁴ Segundo Grassi, “... se pode dizer que a unidade das ações como sistema fechado consiste numa necessidade que torna possível a transferência de significados a fatores ambientais neutros e coloca em movimento a ação. A necessidade desaparece quando o significado se realiza. A fantasia é “o olho do engenho” porque cria metáforas originais através da transferência de significados”. *Leggere Vico*, [Cf., *La priorità Del senso comune e della fantasia in Vico*, tp.5, *L’ambito di competenza Del senso comune: Il lavoro*, p. 136].

⁵ Silveira, L.F.B., Curso de Semiótica Geral, Ed. Quartier Latin do Brasil, São Paulo-SP, 2007.

Peirce (CP 4.550 n2)⁶ nos diz “[...] a mente é uma função proposicional dos universos mais amplos possíveis, tal que os seus valores sejam os significados de todos os signos cujos efeitos atuais estejam em efetiva conexão.”

No processo semiótico, portanto, a mente estará, mediante o conhecimento, apreendendo algum universo de experiências possíveis, isto quer dizer, em que não há nenhuma subordinação do pensamento a alguma classe especial de seres, inclusive a humana; portanto, não se reduzindo a fenômenos de natureza psicológica ou comportamental, permitindo assim, uma leitura semiótica da mente primigênia em seu estado puramente natural.

“O pensamento não está necessariamente conexo a um cérebro. Ele aparece no trabalho das abelhas, dos cristais, e em meio ao mundo puramente físico; e ninguém mais pode duvidar que ele esteja realmente lá, tanto como estão as cores, as formas etc... dos objetos. Não somente o pensamento se encontra no mundo orgânico, mas nele se desenvolve”. (CP. 4.551)

A partir daí, verificamos a possibilidade de discorrermos acerca de uma logicidade poiética, resultante da interatividade peculiar à rede de informações cosmológicas que compõem o universo, em particular a natureza, permitindo-nos assim, constatar que de algum modo, pensamento e lei são duas faces de uma mesma realidade sem qualquer separação. Esta intrínseca relação entre a realidade mental e a matéria se forma na experiência, sendo por natureza experimental e, a matéria, presente no domínio da generalidade.

O pensamento e o mundo são constituídos na história, sendo o produto permanente do desenvolvimento universal.

Em Vico temos o predomínio de uma *Lógica Poiética*⁷, enquanto método de investigação como acima tratado acerca da Filologia, isto é, uma lógica que não se baseia em vetores racionais, mas em vetores estritamente sensíveis que irrompe como meio de conhecimento sobre o mundo, porque produto da criação. E este conhecer não

⁶ Peirce, C.S., *Collected Papers of Charles S. Peirce*. 8 vols. Cambridge, MA. Harvard Univ. Press.

⁷ Vico, *Ciência Nova*, [Cf., Segunda Sessão, *Lógica Poética*, Segundo Capítulo, *Corolários acerca dos tropos, monstros e transformações poéticas*, p. 239].

sendo racional, é um conhecer sensível que se transsmotisa e se transfigura por necessidade e/ou utilidade da ação humana nos primórdios.

Como essa transsmotização seria possível?

O VIÉS ECOLÓGICO

A Filosofia Ecológica nos traz luz para elucidarmos tal questão ao trabalhar com o conceito de *affordance* que é caracterizado segundo Gibson (1986, p. 143): “como informação disponível no ambiente para a ação. A *affordance* é uma propriedade disposicional e relacional que emerge da relação dinâmica de mutualidade entre organismos e ambiente ecológico⁸”, no que se refere à cognição e percepção-ação dos organismos.

A extensão, portanto, do corpo à natureza promoveu a transferência direta de significados sensíveis aos elementos naturais, de uma natureza a outra, de um elemento a outro. Como podemos observar na relação de metaforização do mundo que trata Vico em sua *Scienza Nuova* (1744). Por isso, do corpo emergiu a boca da noite, o olho da fonte, o pé da montanha, o braço do rio, nessa transsmotização fez-se o laço umbilical entre o homem primigênio e a natureza numa relação de adaptabilidade e auto-organização enquanto condição necessária para a sua sobrevivência.

Neste arranjo adaptativo e auto-organizativo⁹ a mente primigênia passou a recolher elementos assemelhados em função de uma taxonomia própria da sensibilidade porque instintiva que forma e conjuga imagens ainda rudimentarmente fantásticas e divinizantes, numa escala latente e emergente de uma ação peculiar do *engenho*¹⁰, ainda em fase de maturação.

⁸ Gonzalez et Moroni, *O Fisicalismos revisitado pela Filosofia Ecológica: as affordances sociais, Filogênese*, Vol. 3, nº 1, 2010, UNESP, Marília, S.P.

⁹ O conceito de Auto-organização decorre de DEBRUN, M. A Idéia de Auto-Organização. In: DEBRUN, M.; GONZALEZ, M. E. Q.; PESSOA JR., O. (Orgs.). *Auto-Organização: estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas, e artes*. Campinas: UNICAMP, p. 3-23, 1996 (Coleção CLE), comentado por Ettore Bresciani Filho...o sistema comumente se utiliza de regulagens e adaptações para os ajustes e as mudanças organizacionais necessária à manutenção da sua existência. Contudo, pode ocorrer também que espontaneamente surja um processo de constituição de uma organização através do processo de auto-organização. Se essa situação ocorrer, fica explícito que o processo de auto-organização do indivíduo *induz* o processo de auto-organização na organização social, que, por ser espontâneo, pode ter tanto um aspecto constitutivo como destrutivo”. *Processo de criação organizacional e processo de auto-organização*, Artigo, março de 1999, 4ª versão.

¹⁰ Conceito viquiano referente a uma função mental que permitiria a separação, conjugação e seleção dos elementos do ambiente e entre si.

Lentamente, os bestiones, foram formando contornos, agregando sinais e apreendendo conjuntos imagéticos no transcurso social da vida em grupo. Para sobreviver sentiram a necessidade de viverem em bando sob o comando do mais forte, o mais feroz e o mais violento. Andavam vagando pelas grutas e atacando, matando e comendo antropofagicamente, defendendo-se das feras, vivendo nefrários, sem acasalamento à espreita de vítimas que saciasse seus desejos indômitos. Bestas feras, os *bestiones* pensavam animallescamente¹¹.

Como apreender esta forma rudimentaríssima da mente primigênia e como perceber o processo latente que emerge da ação destes *bestiones*, para daí significar sensivelmente as coisas e assim poder se relacionar, mesmo que de forma insipiente como em bando arisco e errante sobre a terra?

Este processo de surgimento da linguagem, que nos organismos vivos podemos chamar de ‘informação’ forneceu minimamente a condição para a sua adaptação e auto-organização na natureza de acordo com a estrutura de cada um, isto é, do primigênio, dos animais e dos vegetais.

Decerto parece haver nos vegetais, bem como nos animais e nos homens um certo estado gregário, no sentido de que os organismos vivos buscam formar suas espécies em ambientes propícios e em grupos homogêneos, assim como a embrionária formação dos primeiros grupos em cavernas.

O processo de significação de acordo com os estudos comentados por Henri Bergson dar-se-ia somente se uma sensação não fosse cancelada pela sucessão de outra, mas retida.

Desse modo a mente primigênia foi capaz de produzir uma identidade através de um ponto de referência permanente propiciado pelas sensações através de imagens absorvidas pelo senso comum, isto é, de forma direta e imediata, sem juízo algum,

¹¹ Em Peirce (1892 EP1. Man's Glassy Essence 347: "Mas o que se pode dizer da propriedade de sentir [do protoplasma]? Se a consciência pertence a todos protoplasma, por qual constituição mecânica pode-se dar conta disto? O material do qual o protoplasma é formado nada mais é do que um composto químico...Aonde quer que se encontre a espontaneidade do acaso, aí na mesma proporção o sentimento existe. De fato, o acaso é tão somente o aspecto exterior do que em seu próprio interior é sentimento...De tal modo que o caos primordial no qual não havia regularidade alguma era o mero nada, sob um aspecto físico. Contudo ele não era o mero zero, pois havia lá uma intensidade de consciência em comparação com a qual tudo o que sentimos é como o esforço de uma molécula ou de duas para se afastar um pouco da força de lei [em proveito de] para uma diversidade de acaso infinda e inumerável, ilimitada ao máximo...Em suma, a diversificação é o vestígio da espontaneidade do acaso; e onde quer que a diversidade é crescente, o acaso deve ser operativo...Mas toda mente está direta ou indiretamente conexas com toda matéria, e atua de um modo mais ou menos regular; de modo que toda mente participa mais ou menos da natureza da matéria. Então seria um erro conceber os aspectos psíquicos e físicos da matéria como dois aspectos absolutamente distintos".

puramente sensível, num processo de adaptabilidade e auto-organização, encontrando a sua consistência e, uma vez fixada, podendo ser recordada e memorizada. Esse processo dar-se-ia na e pela fantasia “[...] que outra coisa não é senão memória dilatada e composta”, no dizer de Vico¹²; dilatada por sua imensurável manifestação entre o onírico e o real; composta por sua agregação entre elementos fantásticos (imagens sensíveis) colhidos e dispostos numa relação direta entre os membros do corpo e a natureza, isto é, numa intrínseca condição de adaptação e auto-organização com o meio ambiente. Segundo Schmidt (2007, p. 138-140) :

[...] “os ambientes físico e social estão inter-relacionados na medida em que as ações são realizadas em ambos os contextos. Em tais ambientes, os organismos percebem diretamente o significado presente nas propriedades disposicionais que possibilitam a ação, independentemente de representações mentais. O significado emerge da relação entre as propriedades do organismo e aquelas referente ao ambiente, ficando a cargo do organismo-percebedor captar a informação disponível que especifica esta relação. A relação entre as propriedades do ambiente e do organismo constitui a base das affordances sociais que são expressas através de significados perceptivo-motores (físicos) e significados sociais”¹³.

Ora, a estrutura sensível que permitiu à mente primigênia se adaptar, teria alguma relação neural com os organismos vivos, que permita a estes de se adaptarem de acordo com suas espécies em ambientes que lhes são propícios?

Por que haveria de ter alguma relevância esta contextualização? O que nos levaria a buscar esta aproximação de um nível mais básico neural entre o primigênio e os organismos vivos?

Seria a busca de uma origem natural similar como fonte da vida? E que poderia de algum modo servir à ciência para retornar ao homem em outros níveis?

Bergson considera que o cérebro parece ser um instrumento de análise em relação ao movimento recolhido e um instrumento de seleção com relação ao

¹² Vico. *Ciência Nova*, [Cf., Secção Segunda, *Dos Elementos*, § 211, tp. I, p. 134].

¹³ Vico. *Ciência Nova*, [Cf., Secção Segunda, *Dos Elementos*, § 211, tp. I, p. 136-37].

movimento executado, cujo papel é apenas transmitir e repartir o movimento, levando-nos a intuir que a percepção enquanto função do sistema nervoso também seja direcionada para a ação no mundo físico¹⁴.

A ação física possui certa duração que se prolonga umas nas outras numa complexidade de momentos, exigindo um esforço da memória, proporcionando a representação senciente que se estenderia mediante o ato e se perderia em outro ato sucessivo. Esse processo facilitaria a adaptabilidade da mente primigênia mediante o senso comum e o *engenho*¹⁵ que separa e recolhe aquilo que é percebido.

Os *bestiones* passaram a absorver e sentir a fantasia numa correlação visceral e instintiva¹⁶ das imagens que proviriam diretamente do corpo e da natureza. O espanto, o medo, os urros, a tempestade, a noite, o dia, a lua, a selva, os animais selvagens, os raios, os trovões e, porque não? Os sonhos vertidos de robustas paixões, fizeram parte dessa realidade dinâmica e necessariamente primária. A neurociência, bem como a biologia evolutiva, poderia nos fornecer informações elucidativas sobre essas questões.

“Uma ciência que, peculiar, por seus motivos, deve estar em condições de falar apropriadamente da especificidade da mente humana, mas fora de toda a perspectiva antropocêntrica. O fato de que a mente humana seja fortemente espécie-específica, de fato não significa que ela possa viver fora das leis naturais, que regem a ecologia dos sistemas viventes. Antes, uma perspectiva radicalmente naturalista, não pode eximir-se de coligar às propriedades intrínsecas dos sistemas cognitivos (a sua capacidade ou potencialidade específica) com os perfis

¹⁴ Encontra-se essa ideia no cap. I “Da seleção das imagens para a representação. O papel do corpo” [Cf. H. Bergson, <atéria e Memória, ed. Martins Fontes, São Paulo, 1990, p. 20,21,23].

¹⁵ Vico, De ant, [Cf. Lm, cap. VII, tp. IV, L’ingegno, p.112].

¹⁶ Segundo Peirce em Semiótica, Três Tipos de Raciocínio, 4. Instinto e abdução, 173: “Seja como for que o homem tenha adquirido sua faculdade de adivinhar os caminhos da Natureza, certamente não o foi através de uma lógica crítica e auto-controlada...Parece-me que a formulação mais clara que podemos fazer a respeito da situação lógica – a mais livre de toda a mescla questionável de elementos – consiste em dizer que o homem tem uma certa Introvisão (Insight), não suficientemente forte para que ele esteja com mais frequência certo do que errado, mas forte o suficiente para que esteja, na esmagadora maioria das vezes, com mais frequência certo do que errado, uma Introvisão da Terceiridade, os elementos gerais, da Natureza. Denomino-o de Introvisão porque é preciso relacioná-la com a mesma classe geral de operações a que pertencem os juízos perceptivos. Esta faculdade pertence, ao mesmo tempo, a natureza geral do Instinto, assemelhando-se aos instintos dos animais, na medida em que estes ultrapassam os poderes gerais de nossa razão e pelo fato de nos dirigir como se possuíssemos fatos situados inteiramente além do alcance de nossos sentidos”.

adaptativos que tem determinado a capacidade expansiva ou o confinamento em nicho ecológico (cap. IV, § 2)”.¹⁷

Neste sentido, a concepção temporal-ecológica da memória vem ao encontro de nossa tese que se opõe a clássica de modelo linear. O tempo ecológico apresenta-se de certo modo como um *corsi e ricorsi* (uma ida e vinda constante, própria das contingências casuais e rotineiras das percepções-ações desenvolvidas pelos organismos vivos, em especial pela mente primigênia), que é o tempo vivido pelo organismo.

“Na perspectiva ecológica, a memória é fruto da percepção dos desdobramentos de invariantes que especificam determinado evento que, por sua vez, surge de modo significativo em determinados sistemas ecológicos que envolvem pessoas, objetos, plantas, entre outros. Esse desdobramento de invariantes é caracterizado como a percepção do passado no presente; o passado pode ser percebido no presente porque o econicho é constituído por eventos contínuos de longa e certa duração que se articulam no interior de um sistema ‘evolutivo’¹⁸” (SCHMIDT, 2007, p. 145-147).

Tentar elucidar uma estrutura do organismo capaz de propiciar uma resposta, a mais natural possível neste nível mais básico da mente através do estudo comparativo da adaptabilidade taxonômica como meio para interagir no meio ambiente, é sem dúvida nenhuma uma tarefa que cabe à ciência; à filosofia cabe problematizar esta relação em seus diversos âmbitos: cognoscente, ético, histórico, epistemológico etc...

Novalis acredita que “[...] da imaginação produtora devem ser deduzidas todas as faculdades, todas as atividades do mundo interior e do mundo exterior” que vêm ao encontro da tese defendida por Vico, já que o psiquismo humano se constitui primitivamente em imagens sensitivas diretas sem qualquer mediação.

¹⁷ Falzone, Alessandra, *Il Prezzo Del Linguaggio, Evolucionismo e Ciência Cognitiva*, Cap. I, Ed. Il Mulino, Bologna, Itália, 2010.

¹⁸ Gonzalez et Moroni, *O Fisicalismo Revisitado pela Filosofia Ecológica: as affordances sociais*, Filogênese, Vol. 3, nº 1, 2010, UNESP, Marília, S. P.; quanto ao termo ‘evolutivo’ tenho minhas restrições, pois em Vico não há uma evolução que denota linearidade, mas uma maturação ou ‘desenvolvimento’ que implica num amadurecimento resultante dos fatores adversos que se dão no meio ambiente.

Por isso os primeiros homens foram poetas¹⁹, porque mediante as suas atividades interativas entre si e com a natureza, representavam e criavam as imagens das coisas, num fluxo de ações com a gesticulação como sinal mudo, que se realizava através da linguagem corporal, isto é, das ações implementadas pelos *bestiones* em suas adversidades vividas.

Assim, *Ios* foi a primeira fixação da sensação em imagem advinda do tonante trovão que ribombava e ecoava sobre a terra. O céu vem pensado como um corpo ativo em movimento, tal qual o seu corpo se movimentava, os seus braços e pernas se movimentavam. As suas línguas se movimentavam quando comiam, grunhiam, gritavam e assobiavam. A natureza seria a grande boca de *Ios* e a selva sua língua; habitavam dentro da boca de *Ios*, porque os sons que ecoavam dos raios e trovões, ecoavam como os sons de suas bocas. As tempestades, os raios, o vento, os terremotos, o fogo, as enchentes moviam-se como seus membros se moviam e, nesta relação de equivalência e similitude (própria do engenho) entre o corpo e os fenômenos naturais transferiam de si mesmo para a natureza numa só unidade como parte de um mesmo corpo, pois não conheciam a dualidade.

A GESTAÇÃO DA LINGUAGEM

Nessa identificação mútua, a linguagem emerge como metáfora, porque se dá numa mútua transposição que enlaça e unifica. Neste processo a terra e o mar foram vistos como Cibele e Netuno, as flores, Flora e o fruto, Pomona. Assim toda a natureza era composta de corpos que comunicaram aos homens primigênicos seus sinais naturais, desse modo, *Ios* comandava por acenos e a natureza seria a sua língua²⁰.

Inferimos que esses homens primigênicos, viviam num mundo de palavras reais, num mundo animado pela ação impetuosa da natureza, cujo pensar era corpóreo, animalesco, porque emergia das sensações. A mente primigênia está imersa no corpo e dele não pode ser separada, portanto o pensamento primigênio era necessariamente um ato de sentir. Assim os primeiros atos de significação começaram com os atos mudos das gesticulações.

¹⁹ Aqui 'poeta' no sentido de *poesi*, criador, inventor.

²⁰ Vico, *Ciência Nova*. [Cf., Secção Segunda – LÓGICA POÉTICA, Cap. I, *Da Lógica Poética*, § 402, p. 236].

O mundo percebido através dos sentidos e desse modo mover-se-ia por meio de corpos, e o significado que se daria por meio desta relação obtida pela ação e reação recíproca desses corpos resultaria em significar a coisa ao fazê-la. Nesse caso a sensação não cancelaria outra, mas a fixaria, determinando o processo de memorização e do pensamento daquilo fixado e memorizado emergiria o pensamento como veículo de adaptação e auto-organização numa representação poética e fantástica sem mediação.

A maturação da mente primigênia gerou a fábula, por uma inconsciente criatividade adaptativa, resultante da necessidade e/ou utilidade enquanto condição de criação e, nesse processo surgiu o significado visceral de sua vivência, expresso e transferido às coisas. Assim o mundo nasceria de sua consciência sensível ou senciente como parte integrante do seu mundo.

A antropomorfização da natureza mediante o corpo, o movimento realizado intra e entre-corpos, a expansão da emoção advinda do caos das paixões enquanto elemento natural e necessário na formação do significado e na emergência dos nomes, o que vale dizer, de caráter eminentemente orgânico e rudimentar na formação da linguagem, demonstra o processo de maturação da mente.

Desse modo, podemos comentar as hipóteses de Vico sobre a estrutura da mente primigênia na sua formação, como elemento primaríssimo e básico de adaptação, auto-organização e maturação cognitiva. Estabeleceremos, portanto, a comparação e o paralelo com os organismos vivos, sejam animais ou vegetais, para atingirmos a pertinência da problematização que Vico poderá nos proporcionar nessa investigação na área da Filosofia Ecológica.

Uma leitura pertinente da concepção viquiana da mente primigênia, notadamente dos *bestiones* através dos pressupostos da Filosofia Ecológica, a partir da explicitação da percepção-ação, *affordances*, nicho, ambiente, informação significativa, reciprocidade e percepção ecológica, vai nos fornecer elementos elucidativos para uma melhor compreensão do papel da ciência e sua correlação interdisciplinar.

Tais subsídios poderão nos proporcionar uma nova visão de mundo e nossa relação com ele, numa busca constante por um novo procedimento do exercício científico e suas metodologias, bem como pela eticidade ecológica que nos faça agir e interagir no meio-ambiente através de políticas científicas, sociais, econômicas e organizacionais, enquanto colaboradores efetivos e parceiros necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carente de uma visão, não antropocêntrica, lanço a tentativa mediante relação isomórfica, cuja estrutura apresenta pontos de contato entre os diversos signos que compõem o saber científico de moldar e dar uma nova versão ao propósito viqueano, articulando-o em seus nichos teóricos e instanciando-os com a versão interativa da Filosofia Ecológica a fim de retratar com melhor acuidade, a pertinência de saberes se realimentarem para formar na sua transdisciplinaridade novos saberes que nos permitam melhor clareza acerca dessa relação entre o dito no século XVIII e as bases científicas no séc. XXI.

Acostumados com análises concêntricas, em torno de si mesmo, pretendemos dar este salto mais ousado na busca de uma melhor compreensibilidade e articulação com novos métodos e compreensão fenomênica teórica, tal qual Vico, assim o fez, introduzindo no seu método Filológico, a indução do Sr. De Verulan, tornando seu instrumento uma relação possível.

REFERÊNCIA

- VICO, G. *A Ciência Nova*. Tradução Marco Luchesi. São Paulo: Record, 1999.
- _____, *Autobiografia, Poesie, Scienza Nuova*, a cura di Pasquale Soccio, Garzanti Editore s.p.a., Milano, 1983.
- _____, *Ciência Nova*, tradução do original italiano intitulado Principi di Scienza Nuova, segundo o texto de Fausto Nicolini, Riccardi Ricciardi Editore, Edição as Fundação Calouste Gulbenkian, tradução Jorge Vaz de Carvalho, Prefácio de Antonio M Barbosa de Melo, Lisboa, 2005.
- _____, *La Scienza Nuova*, introduzione e note di Paolo Rossi, RCS libri Milano, 2004
- ADAMS, F. The informational Turn in Philosophy. *Minds and Machines*. Netherlands: Editora, v. 13, p. 471-501, 2003.
- BATESON, G. *Mente e Natureza*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1986.
- _____. *Mind and Nature: a necessary unity*. New York: Dutton, 1979.
- _____. *Steps to an ecology of mind*. New Jersey: Jason Aronson Inc, 1972.
- DEBRUN, M. A Idéia de auto-organização. In: DEBRUN, M.; GONZALEZ, M. E. Q.; PESSOA JUNIOR., O. (Org.). *Auto-organização: estudos interdisciplinares em filosofia, ciências naturais e humanas e artes*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996. p. 3-23. (Coleção CLE).
- _____. Auto-organização e Ciências Cognitivas. In: GONZALEZ, M. E. Q. et al. (Orgs.). *Encontro com as Ciências Cognitivas*. Marília: Editora, v. 1, p.29-38, 1996a.
- DRETSKE, F. I. *Knowledge and the flow of information*. Oxford: Blackwell Publisher, 1981.
- _____. *Explaining Behavior: reasons in a world of causes*. Cambridge: MIT Press, 1988.
- _____. *Naturalizing the mind*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. New Jersey: Lawrence Earlbaum Associates, Inc, 1986.
- _____. More on affordances. In: REED, E. S.; JONES, R. (Ed.). *Reasons for realism*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1982. Chap. 4.9, parts III-IV. p. 406-408. Disponível em:
<<http://www.trincoll.edu/depts/ecopsyc/perils/folder5/moreaff.html>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

_____. *The senses considered as perceptual systems*. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

GONZALEZ, M.E.Q. Auto-Organização e perspectivismo: algum acréscimo à Ciência Cognitiva? In: GONZALEZ, M. E. Q. BROENS, M.C.(Orgs.). *Encontro com as Ciências Cognitivas*. Marília: Unesp-Marília-Publicações, p. 3-14, 1998.

_____. *Informação e conhecimento comum: uma análise sistêmica dos processos criativos auto-organizados*. 2004. (Tese de Livre-docência)

_____; NASCIMENTO, T.C.A.; HASELAGER, W.F.G. Informação e conhecimento: notas para uma taxonomia da informação. In: GONZALEZ, M.E.Q.; FERREIRA, A.; COELHO, J. (Orgs.). *Encontro com as Ciências Cognitivas* .1 ed. São Paulo: Editora, v. 4, p. 195-220, 2004.

_____. Information and mechanical models of intelligence: what we can learn from cognitive science? In: *Cognitive Technologies and the Pragmatics of Cognition*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 13, p. 109-125, 2005.

_____; ANDRADE, R.S.C. Informação e auto-organização: uma reflexão filosófica sobre a noção de significado na percepção-ação humana. In: CIRNE-LIMA; HILFER, I; ROHDEN, L. (Orgs). *Dialética e Natureza*. São Leopoldo: UNISINOS, p. 143-158, 2008.

_____, MORONI,J., MORAES, J. A., *O que é a filosofia ecológica?*, Kinesis, vol. III, nº 5, julho 2011, p. 349-355.

_____, *O Fisicalismo revisitado pela filosofia ecológica: as affordances sociais*, Filogênese, vol. III, nº 1, 2010.

JUARRERO, A. *Dynamics in Action: intentional behavior as a complex system*. London: Bradford Book , 1999.

LARGE, D. N. *What is ecological philosophy?* Disponível em: <http://www.newphilsoc.org.uk/OldWeb1/Ecological/what_is_ecological_philosophy.htm> . Acesso em: 20 de fev. 2013.

_____. *Ecological philosophy*. Web Version. 2003. Disponível em <<http://www.newphilsoc.org.uk/OldWeb1/Ecological/DavidLarge.PDF>> . Acesso em: 20 de fev. 2013.

PEIRCE, C.S., *Semiótica*, Tradução, José Teixeira Coelho Neto, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1977.

_____, 1892 ep1. *Man's Glassy Essence* 347.

_____, *Collected Papers*.

PETRUSZ, S. & TURVEY, M. T. On the distinctive features of ecological laws. In: *Ecological Psychology*, v. [22](#), Issue [1](#), p. 44-68, 2010.

SILVEIRA, L.F.B., *Curso de Semiótica Geral*, Ed. Quartier Latin, São Paulo, 2007.

WARREN, W. H. The dynamics of perception and action. *Psychological Review*, 113 (2), 358-389, 2006.

ALESSANDRA FALZONE e ANTONINO PENNISI, *Il Prezzo del Linguaggio, Evoluzione ed estinzione nelle scienze cognitive*, Il Mulino, Bologna, Italia, 2010.

AMÉRIO, FRANCO, *Introduzione alle Studio do G. B. Vico*, Torino, 1947.

CACCIATORE, G., GESSA-KUROTSCSKA, V., POSER, H., Sanna, m., *La filosofia Pratica tra Metafisica e Antropologia nell'età di Wolff e Vico*, Alfredo Guida Editore, Napoli, 1997.

CAIANIELLO, S., VVIANA, A., *Vico nella storia della filologia*, Alfredo Guida Editore, Napoli, 2003.

CROCE, BENEDETTO, *La Filosofia di Giambattista Vico*, Bari, Italia, 1947

_____, *Le fonti della gnosiologia vichiana*, in Saggio sullo Hegel, Bari, 1913.

_____, *La mia filosofia*, Adelphi Edizioni, Milano, 1993.

BADALONI, NICOLA, *Introduzione a Vico*, Editori Laterza, Roma, 2008.

DAMIANI, ALBERTO MARIO, *Domesticar a los Gigantes, Sentido y Praxis em Vico*, UNR Editora, Argentina, 2005.

NUNES, SERGIO, *A arqueologia da linguagem em Vico*, USP/ Tese de doutorado, 2009.

PAOLO ROSSI, *A vida do sinal, Ensaio sobre a língua e outros símbolos*, 2ª edição, Fundação Kalouste Gulbenkian, Lisboa, 1983.

VERENE, D.P., Vico, *La Scienza della fantasia*, a cura di Franco Voltaggio, Prefazione di Vittorio Mathieu, Armando Armando, Roma, 1990.